

Globethics Repository



Consistência e extensão do pecado de Adão [Consistency and extent of Adam's sin]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Aguilar, Ruben
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-07-15 19:52:04
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228847

CONSISTÊNCIA E EXTENSÃO DO PECADO DE ADÃO

Ruben Aguilar

Doutor em História pela USP. Professor de teologia no UNASP, campus de Engenheiro Coelho, São Paulo, Brasil. E-mail: ruben.aguilar@unasp.edu.br.

Resumo: O vocábulo pecado é usado só numa esfera restrita do conhecimento humano como é a Teologia e a Religião ou disciplinas afins, sendo ignorado ou simplesmente omitido nas outras áreas do saber científico ou no campo especulativo das ciências chamadas humanas. Ainda mais, a idéia de pecado é difusa ou inexistente em algumas grandes religiões que afloraram através dos séculos. Diversos estudiosos da Palavra de Deus concordam na possibilidade de emitir conceitos de pecado baseados em proposições lógicas que permitiria formar um conjunto racional e do qual seria possível chegar a uma definição específica. Há, na realidade, dois sistemas ou duas vias que possibilitam encarar o problema: o primeiro, mediante o conhecimento do significado restrito ou lexicológico dos termos bíblicos que aparecem nas línguas originais, hebraico e grego; e o segundo, através do significado semântico ou interpretativo que se concede à palavra em questão.

Palavras-chaves: Pecado; Lei; Obediência; Morte.

CONSISTENCY AND EXTENSION OF ADAM'S SIN

Abstract: The word sin is used only in a limited sphere of human knowledge such as religion or theology and related disciplines; simply being ignored or omitted in other areas of scientific knowledge or speculative science called human. Moreover, the idea of sin is diffuse or nonexistent in some major religions that emerged through the ages. Several scholars of God's Word agree in the possibility of emitting concepts of sin based on logical propositions that would form a rational set, which would be possible to reach a specific definition. There are actually two systems that enable two-way or face the problem: the first, to acknowledge the significance of restricted or lexical biblical terms that appear in the original languages, Hebrew and Greek, and second, through the semantic meaning or interpretation that is given the word in question.

Keywords: Sin, Law, Obedience, Death.

O vocábulo pecado é usado só numa esfera restrita do conhecimento humano como é a Teologia e a Religião ou disciplinas afins; sendo ignorado ou simplesmente omitido nas outras áreas do saber científico ou no campo especulativo das ciências chamadas humanas. Ainda mais, a idéia de pecado é difusa ou inexistente em algumas grandes religiões que afloraram através dos séculos. A antiga religião egípcia, por exemplo, considerava as faltas humanas simplesmente como atos não realizados. As religiões orientais, como o Jainismo, resumia sua ética religiosa ao cumprimento dos

cinco votos para a salvação. O *Shikismo* desconhece o conceito de pecado e admite que ser religioso é uma constante atividade de aprendizagem. O *Taoismo* adota várias normas elevadas, mas evita seu enunciado como uma obrigação para ser cumprida servindo unicamente como conselhos. O *Shintoismo*, a religião nacional do Japão, simplesmente rejeita qualquer corpo de dogmas ou de mandamentos. O próprio Islamismo não enfatiza as faltas cometidas pelos seus membros, propalando que a salvação é unicamente na manifestação ritualista da sua fé no profeta¹.

É admissível a falta de qualquer consideração que possa ser outorgada ao sentido de pecado entre as diferentes áreas do conhecimento humano. E, talvez, seja intolerável que a indefinição ou mesmo uma afirmação tergiversada sobre o sentido de pecado não esteja manifesta na expressão doutrinária de várias religiões. De qualquer maneira essa gama de incertezas conceituais em relação ao pecado determina a existência de um estado de impossibilidade de emitir um juízo fundamental sobre sua essência. Johannes B. Bauer admite essa realidade, apesar de contar com diversos elementos conceituais e de juízo que possam conduzir a elaboração de uma clara definição de pecado²

Tentativa de conceituar pecado

A primeira idéia de “pecado” nas religiões que se fundamentam na Bíblia surge através da narrativa onde se descreve o primeiro casal criado por Deus, comendo do fruto da árvore o qual, clara e previamente havia sido proibido, em pleno cenário do Jardim do Éden. Se esse relato sobre o pecado fosse o único indício para estabelecer um conceito, bastaria considerar que a transgressão enunciada consistiu no ato de comer o fruto proibido. Mas, segundo enfatiza J. Blinzler, essa narrativa tem um caráter etiológico³, quer dizer, apresenta a causa ou origem das diversas manifestações de pecado no mundo dos seres humanos e não a essência em si do

¹ Maiores referências e conteúdos sobre a história do desenvolvimento de várias religiões, seus dogmas e ética religiosa pode ser encontrada na obra de Treiyer, H. R. **Religiones Comparadas, Parte I: Religiones no Cristianas**, editado em Puiggari – Entre Rios: Editorial S.E.M. Colegio Adventista Del Plata, Argentina, 1964.

² Bauer, J. B. editor e autor do tópico “Pecado”, In: **Dicionário de Teologia Bíblica**, v. 2. São Paulo: Loyola, 1983, p. 827.

³ BLINZLER, J., sob o tópico “Pecado Original”, In: *Dicionário de Teologia Bíblica*, op. cit. v. 2, p. 844.

pecado. Diante desse panorama conceitual não pode faltar a pergunta que surge com destaque eminente: Em que consistiu o pecado de Adão?

Diversos estudiosos da Palavra de Deus concordam na possibilidade de emitir conceitos de pecado baseados em proposições lógicas, que permitiriam formar um conjunto racional e do qual seria possível chegar a uma definição específica. Há na realidade dois sistemas ou duas vias que possibilitam encarar o problema: o primeiro, mediante o conhecimento do significado restrito ou lexicológico dos termos bíblicos que aparecem nas línguas originais, hebraico e grego; e o segundo, através do significado semântico ou interpretativo que se concede à palavra em questão.

a. Pecado, no hebraico bíblico

Nos escritos do Antigo Testamento na língua hebraica aparecem diversos vocábulos que mantêm uma conotação com a idéia de pecado e que com esse significado ou equivalência de expressão foi traduzido em outros idiomas. Utilizando textos que apresentam o significado lexicológico desses termos, procuraremos dar em forma sintética a sinonímia correspondente de cada um desses vocábulos⁴.

O termo *hatta't*, que aparece 580 vezes no texto do Antigo Testamento, é o de maior frequência e preferido pelos escritores bíblicos. Tem o sentido de errar, errar o alvo, sair do caminho, tropeçar, falhar, desviar-se da linha correta. Admite-se também o significado que se dá à atitude de quem manifesta incapacidade de observar a lei, desvio da obediência, onde o ente a merecer tal procedimento é Deus ou sua lei.

O vocábulo *'awôn*, parece exprimir a idéia de falsidade, decepção, vaidade, envolve também a noção de intenção de praticar atos de maldade e, em relação à divindade, adquire o sentido de iniquidade.

A palavra *rāsā* tem o significado de culpa. Identifica o ímpio ou alguém que não pode estar na presença de Deus. Também caracteriza o indivíduo que vivencia

⁴ Para evitar mencionar a referência de cada um desses termos, e dessa forma cancelar repetições dispensáveis, registramos a referência das obras consultadas em razão também de que cada vocábulo aparece em cada texto na ordem alfabética. Os textos consultados são: HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L. & WALTKE, B. K., editores do *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. DAVIDSON, B. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1979.

turbulência mental, sem descanso. Demonstra estado de fraqueza, fora de conjunção, solto como o mar agitado, com distúrbios de toda ordem.

A palavra hebraica *’āsham*, que é raiz de termos correlatos, tem o sentido primário de culpa. Em muitos casos, identifica o indivíduo que comete um delito como culpado, ressaltando um procedimento ético como aparece no livro de Levítico, onde o pecador é considerado uma pessoa culpada. A gravidade do comportamento que qualifica esse vocábulo está no contexto que considera o culpado como aquele que comete uma ofensa contra a lei e à vista de Deus. Outros autores concedem a esse termo e seus derivados o sentido de iniquidade, perversão.

No hebraico bíblico aparecem outros termos, menos frequentes, os quais, segundo os lexicólogos, equivalem em sentido ao conceito de pecado. O vocábulo *pasa’* é definido como uma violação premeditada, voluntária, deliberada de uma norma ou padrão. Na sua extensão interpretativa identifica alguém que se recusa submeter-se à autoridade legal. O sentido lato da palavra é de rebelião ou de revolta deliberada. E, ao referir-se ao relacionamento com a divindade, expressa um ato de rebelião contra Deus. Indica também uma atitude de quebra de compromisso, contrato ou acordo.

A palavra *shegagã*, aparece no texto bíblico, em forma verbal em 4 ocasiões e como substantivo em outras 19. Seu significado está relacionado à ignorância do procedimento ou descuido, embora essas atitudes sejam consideradas como praticadas por negligência consciente.

O termo que aparece escassamente mencionado no registro bíblico é *iqqes*, e emite um significado de perversidade ou de quem é qualificado como perverso. O perverso, segundo o que esse termo expressa, é aquele que mostra desarmonia e falta de adaptação com as normas estipuladas pela comunidade. É também perverso quem não assimila as diretrizes da sabedoria, cujo princípio básico é o temor de Deus.

b. Pecado, no grego bíblico

Os autores do Novo Testamento foram pródigos em exprimir termos que insinuam ou conotam o que é pecado. Várias palavras usadas pelos escritores bíblicos

expressam o conceito de pecado⁵. Esse conceito é que dá sentido ou significado às palavras usadas. Deve-se notar que o grego usado pelos escritores do Novo Testamento, embora eles sejam de origem judaica, não deixam de refletir a influência literária e conceitual da cultura grega. Por essa razão, se observa que várias palavras que dão significado ao conceito de pecado já foram usadas por autores do classicismo grego, como Homero, Esquilo, e outros⁶; mas, concedendo um sentido de erro ou simples falta.

O vocábulo *hamartia* é o mais generalizado e refere à atitude de cometer um erro, no propósito de atingir o alvo. Refere-se também a postura de quem vive em fracasso. Em um significado mais amplo, esse vocábulo tem a conotação de uma transgressão contra a moralidade, as leis estabelecidas, os homens ou os deuses.

A palavra *adikia* é um antônimo de justiça e etimologicamente significa carência de justiça, ou injusto. Seu uso é mais frequente na área específica do mundo jurídico. Nesse ambiente serve para caracterizar o rebelde contra a ordem estabelecida. Identifica também o fazedor de mal ou iníquo.

O termo *parabasis* (e outros correlatos) diz respeito à transgressão das leis impostas e leis naturais da fraternidade. Assim, o impiedoso comete esse delito porque não manifesta compaixão para com seus semelhantes e se torna transgressor.

A palavra *paraptoma* pode simplesmente ser interpretada como dar um passo em falso. Outro sentido do termo é a expressão “decair do lado de”. O termo caracteriza também quem, seguindo uma rota, chega a perder o caminho. Em expressão franca e sintética identifica quem fracassa e, em forma mais geral, representa quem ofende, vive com lapso moral e se omite de responsabilidades.

O vocábulo *anomia*, segundo sua raiz etimológica, representa alguém que vive sem lei, que está na ilegalidade. É traduzido como iniquidade, no sentido de rebelião contra as leis.

⁵ Tal como fizemos com as palavras que dão a conotação de pecado no hebraico bíblico, procuramos também extrair a simples significação de termos freqüentes no grego do Novo Testamento de textos especializados. As obras consultadas são as seguintes: COENEN, L. & Brown, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 2. São Paulo: Vida Nova, 2000. *The Analytical Greek Lexicon, with a Grammatical Analysis of Each Word and Lexicographical Illustration of the Meanings*, publicado por Harper & Brothers, Nova York, s/d; GINGRICH, F. W. *Léxico do Novo Testamento Grego / Português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

⁶ COENEN, L. & BROWN, C., op cit., v. 2, p. 1603 e 1609.

Outro termo grego cuja interpretação é mais inteligível conhecendo seu antônimo é *asebeia*, cuja palavra de significação contrária é *eusébeia*, que significa piedade. O termo *asebeia*, se refere a toda manifestação de impiedade, que inclui também atitudes de negligência e atenção em favor de pessoas em circunstâncias de desfavor.

Uma série de palavras gregas, às quais os lexicólogos dão o sentido de pecado, aparece com escassa frequência no texto do Novo Testamento. Mas sua interpretação primária pode contribuir para a elaboração do conceito geral de pecado. A seguir, faremos menção de cada uma delas, dando seus significados correspondentes. O termo *ptaio* significa tropeçar, fraquejar. A palavra *hettema* é usada para destacar uma posição de derrota. O vocábulo *hysterema* serve para destacar uma falta ou falha de procedimento. O verbo grego *planáo* denota o procedimento de uma pessoa que verifica seu erro ao transitar por uma via. Sugere a atitude de desviar-se, enganar-se. O termo *agnoeo* etimologicamente significa sem conhecimento. Ou seja, determina como erro o ato de desconhecer, não entender as normas. A palavra *parakoe* simples e claramente refere à desobediência voluntária de uma norma. Finalmente, o vocábulo grego *opheilo*, denota uma situação de permanecer baixo uma obrigação peremptória por causa de delito cometido; estar devendo uma obrigação.

c. Pecado e a interpretação literária

A semântica, como parte da Filologia, trata do significado das palavras e de suas mudanças no decorrer do tempo e, em relação aos estudos teológicos, tem contribuído ao esclarecimento de diversos conceitos principalmente quando estes são expressos através de um único vocábulo bíblico. A metodologia utilizada na pesquisa exegética ao analisar um verso bíblico tem permitido ao pesquisador fazer uso dos instrumentos lingüísticos que o conduzem a uma compreensão mais adequada ao seu propósito. Em geral, esse método não é outro senão o estudo lingüístico ou a aplicação da semântica para atingir uma melhor interpretação das palavras do texto em estudo. A utilização desse método muito tem favorecido à compreensão dos textos bíblicos, principalmente os de difícil interpretação. Igualmente, sua utilidade se acentua na elaboração de comentários e outros trabalhos de pesquisa específica.

A interpretação literária ou semântica sobre o conceito de pecado nos escritos de comentaristas e eruditos da Palavra de Deus fornece uma contribuição plausível e de muito valor para o esclarecimento dessa questão. É necessário advertir que, em geral, essas opiniões podem ser separadas segundo a natureza do conceito de pecado. Ou seja, considerando que pecado não é somente um ato, mas também um estado da pessoa humana⁷.

William Dyrness, ao extrair o conceito de pecado nos escritos dos profetas, sintetiza da seguinte maneira: para Amós, pecado é ingratidão; para Oséias, hostilidade interna e aversão; para Isaías, autoexaltação; para Jeremias, profunda falsidade. No entanto, ele mesmo dá sua opinião ao respeito, afirmando que pecado é um “desvio pessoal e voluntário de uma norma” direcionado contra Deus e contra a perfeição da Sua natureza manifestada na lei divina⁸.

Na concepção de Leon Morris, ao dissertar sobre a religião do Antigo Testamento, assevera que pecado primariamente é uma “ofensa” contra Deus. Representa uma falha de comportamento segundo as normas estabelecidas por Deus⁹. Parecer semelhante é o de Johannes B. Bauer ao declarar que pecado é “ferir” e “ofender” a Deus¹⁰. Não muito distante dessa apreciação é a definição de J. Blinzler, ao dizer que pecado é uma “ofensa” contra o legislador e governador moral, fazendo uma explícita referência a Deus¹¹.

J. Hering coloca em relevo a ética do procedimento correto que deve ser extraída das páginas do Livro Sagrado, para poder diferenciar daqueles atos incorretos ou pecaminosos. Um ato bom é aquele que harmoniza com as normas divinas e um ato oposto a essa regra é mau e pecaminoso. O próprio autor projeta essa posição à

⁷ Ver a opinião de William Dyrness, em *Themes in Old Testament Theology*. Illinois: Intervarsity Press, 1979, p. 107. Ver também John M. Fowler, no artigo “Sin”, em *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, Commentary Reference Series, v. 12, Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2000, p. 247.

⁸ DYRNESS, W., op. cit., p. 107-109.

⁹ MORRIS, L. *Glory in the Cross. A Study in Atonement*. Grand Rapids: Baker Book House, 1979, p. 25.

¹⁰ BAUER, J. B., op. cit., p. 830.

¹¹ BLINZLER, J., op. cit., p. 847.

plenitude da personalidade do qual se aceita que uma ação boa é produto de um homem equilibrado e uma ação má, de uma pessoa sem sanidade real¹².

John M. Fowler sistematiza diversos conceitos de pecado, os quais são fundamentados com textos bíblicos. Vários desses conceitos na realidade dão uma definição do que o pecado é. E outros tantos registram a consequência como produto da transgressão. Para esse autor, pecado é uma classe específica de maldade, uma atitude errônea contra uma norma; é transgressão da lei; é manifesta expressão de orgulho e egoísmo; é um poder que escraviza o indivíduo; é manifesta indiferença ao cumprimento do dever; gera poluição¹³.

O pecado, além de ser considerado um ato, é também um estado da personalidade humana. A pessoa em pecado apresenta um desequilíbrio das suas emoções, dos seus pensamentos, que inibe sua vontade. Ellen G. White, ao tratar sobre o mistério da origem do pecado, afirma que foi um desejo de exaltação própria que cresceu em Lúcifer¹⁴, e que o conduziu a manifestar franca rebelião¹⁵ contra Deus. O conceito de pecado como um estado de rebeldia também se encontra na exposição de Fowler, que fundamenta sua afirmação com o texto da declaração do profeta Daniel ao confessar o pecado do povo como uma rebelião (Dn 9:5) e a própria condição do povo de Israel na travessia do deserto (Dt 9:7).¹⁶

O estado de rebelião contra Deus implica na quebra do relacionamento divino-humano, proposto originalmente na criação e concretizado no Jardim do Éden. Com base nessa asseveração, R. N. Champlin identifica o pecado como afastamento daquilo que Deus considera ser a conduta ideal para o homem ideal, exemplificado em Jesus Cristo¹⁷. O estado de pecado como rebelião contra a divindade provoca a separação de

¹² HERING, J., sob o tópico: "Pecado", em Von Allmen, J. J. *Vocabulário Bíblico*. São Paulo: ASTE, 2001, p. 434.

¹³ FOWLER, J. M., op. cit., p. 247-251.

¹⁴ WHITE, E. G. *Patriarcas e Profetas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990, p. 15.

¹⁵ ibidem, p. 21.

¹⁶ FOWLER, J. M., op. cit., p. 244.

¹⁷ CHAMPLIN, R. N. & BENTES, J. M. *Enciclopédia da Bíblia – Teologia e Filosofia*, v. 5. São Paulo: Candeia, 1997, p. 145.



Deus (Is 59:2), condição humana pela qual a compreensão da necessidade de reconciliação com Deus¹⁸ é base ou princípio da salvação.

Essa gama de significados dos termos hebraico e grego, relativos ao sentido de pecado, e a diversidade de sinônimos admissíveis na interpretação desses vocábulos e, ainda mais, a variedade de juízos declarados com os recursos da semântica, configuram um ambiente frondoso de conceitos sobre o pecado. Mas a questão que aflora e ainda permanece é: Em que consistiu o pecado de Adão?

Em que consistiu o pecado de Adão

Identificar o pecado de Adão com o ato de comer do “fruto proibido” não contribui positivamente para a expectativa de se obter mais revelação e conhecimento teológico. De outro modo, harmonizar o ato pecaminoso de Adão com cada um ou com todos os vocábulos que aparecem nas línguas originais da Bíblia, que dão o sentido de pecado, pode gerar uma concepção generalizada, evitando tratar a singularidade do caso. Finalmente atribuir ao pecado de Adão qualquer uma das interpretações semânticas emitidas ao respeito pode ter utilidade conceitual. Mas pode também ser um desvio da construção teológica pretendida.

Se existe uma possibilidade de adquirir uma noção do que consistiu o pecado de Adão é aquela sugerida pelo apóstolo Paulo, ao estabelecer, na sua Epístola aos Romanos, o evidente paralelismo entre Adão e Cristo. Paulo, ao fazer esse paralelismo, procura fortalecer sua argumentação em favor da justiça pela fé em Cristo. E destaca alguns efeitos que transcendem da atuação de Adão e de Cristo.

O apóstolo Paulo, ao expor sua argumentação sobre o tema pretendido, o faz mediante frases que evoluem no formato de uma sequência de silogismos, que devem conduzir a uma conclusão lógica. Paulo declara que “... por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte” (Rm 5:1). Essa afirmação patenteia o ato original da introdução do pecado no mundo, que não pode ser outro que o pecado de

¹⁸ FORD, D. *Right With God, Right Now, How God Save People, As Shown in the Bible. Book of Romans*. New Castle: Desmond Ford Publications, 1999, p. 87. Ver também: LARONDELLE, H. *Christ Our Salvation. What God Does for Us and in Us*. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1980, p. 22.

Adão. Seguindo o propósito perseguido, o apóstolo contrasta o ato pecaminoso de Adão e seu resultado, com a justiça de Cristo, caracterizada por uma existência impoluta, pela qual “veio a graça, ... que dá vida” (Rm 5:18).

Ao efetuar seu depoimento sobre a introdução do pecado no mundo, atribuída a Adão, o autor da Epístola aos Romanos enuncia essa premissa, sustentando que o “pecado” de Adão, como qualquer objeto abstrato, tem, na profundidade do seu ser, uma essência ou substância¹⁹ que a determina. Fazer menção ao “pecado” de Adão, sem dar indícios da sua essência, seria como fazer referência aos mares e lagos, ignorando a essência que determina a existência desses objetos, a qual é a água. Sem água não existiriam mares nem lagos. Paulo parece estar consciente desse detalhe necessário para validar seu pensamento em relação ao pecado de Adão.

a. A essência do pecado de Adão

O apóstolo Paulo, na plenitude do seu raciocínio para chegar ao conhecimento da substância da transgressão do primeiro homem, faz uso novamente do recurso da analogia entre Adão e Cristo, método usual no pensamento grego, para definir a essência do “pecado” de Adão. Desmond Ford destaca a influência da forma de pensar dos gregos nas epístolas paulinas. Mas esclarece que, embora a língua e ideias sejam gregas, o autor é hebreu e impõe sua consonância com os escritos judeus²⁰. Para o autor da Epístola aos Romanos realçar o contraste entre Adão e Cristo é meritório e possibilita a compreensão do fim da existência humana, o qual é vida ou morte. O pecado de Adão provoca morte, porém a justiça de Cristo promove vida. Assim, sem mais argumentação, Paulo deixa clara a essência do pecado de Adão, a qual é a desobediência. Esse qualificativo se fortalece quando o apóstolo o deixa exposto frontalmente com a atitude de obediência de Cristo e suas implicações: “Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos” (Rm 5:19).

¹⁹ A palavra “pecado” é um termo que denota apenas uma qualidade do ser humano, mas para ser inteligível é preciso conhecer sua substância ou essência. Mais pormenores sobre o significado de Substância e implicações sobre a natureza dos seres é encontrado em Mora, J. F. *Diccionario de Filosofia Abreviado*. Texto preparado por Eduardo G. B. & Ezequiel, O. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1974, p. 394-400, sob o tópico “Substancia”.

²⁰ FORD, D., op. cit., p. 87.

A sentença positiva que Paulo pronuncia sobre a desobediência praticada pelo primeiro homem, confirma a definição da consistência da transgressão de Adão. Agora, parece viável confirmar que o pecado de Adão consiste na desobediência. A gravidade dessa ação só é possível compreender quando verificamos que foi uma ação voluntária, individual, sem efeito de qualquer influência, nem mesmo a de Satanás que levou Adão a tal ação²¹. Esse parecer consolida a opinião de que a desobediência de Adão é a essência do seu pecado, pois colocou sua vontade acima da vontade de Deus²².

A desobediência como ato voluntário, por si só já seria razão suficiente para definir a transgressão (Mt 5:28). Mas no caso de Adão a sua falta não ficou só na expressão da sua vontade, já que teve projeções de consumação do ato. Essa era a consideração que dava o monge britânico Pelágio, quando desenvolveu sua idéia antropológica do ato de pecar. Para ele todo ato precisa de três elementos, os quais são identificados com os vocábulos latinos: *posse*, “poder”, *velle*, “vontade”, e *esse*, “execução”. Pelágio ensinava que Adão teve condições para pecar, desenvolveu sua vontade para essa finalidade e finalmente consumou a transgressão²³.

Por outro lado é necessário reconhecer que a desobediência, como ato voluntário do indivíduo, não determina nenhum efeito se não estiver indicado o seu objeto. No caso da desobediência de Adão, o objeto desse ato é a lei de Deus. Adão desobedeceu a lei divina. A vigência dessa norma já fora imposta, segundo declaração de Ellen G. White, mesmo antes da criação do homem²⁴. O conhecimento da lei por parte de Adão e Eva veio imediatamente após serem criados: “Deus fez conhecer a eles Sua lei. Ela não foi escrita, porém, foi repetida a eles por Jeová.”²⁵ Dyrness também contribui com opinião semelhante ao interpretar a expressão “conhecimento

²¹ FOWLER, J. M., op. cit., p. 242.

²² *ibidem*, p. 243

²³ Pelágio aplicou a condição de Adão a todo ser humano, declarando que o homem peca porque deseja pecar, assim nega a graça salvadora e reduz o sacrifício de Cristo a um simples exemplo. Shelley, B. L. *Church History in Plain Language*. Waco: Word Books Publisher, 1983, p. 145,146. Sheldon, H. C. *History of the Christian Church –The Early Church*, v. 1. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1988, p. 435-437.

²⁴ WHITE, E. G. *Christ in His Sanctuary*. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1969, p. 20.

²⁵ *ibidem*.

do bem e do mal” (Gn 3:5) como sendo conhecimento moral ou aptidão para discriminar o bem do mal,²⁶ o qual se realiza mediante a lei.

b. A Obediência de Cristo

O paralelismo elaborado pelo apóstolo Paulo, entre a experiência de Adão e de Cristo, contribui para definir a consistência do pecado de Adão e ainda a revelar sua essência, a qual é a desobediência. Talvez, pelos sistemas de estudos teológicos, a exegese linguística, a análise histórica e literária e outros meios de revelação não seja possível compreender plenamente a gravidade do pecado de Adão. Mas, um enfoque maior sobre a prática da obediência de Cristo possibilitará, por contraste, ter uma idéia mais plena do real significado da desobediência do primeiro homem.

A vinda do Filho de Deus a este mundo estava sujeita ao cumprimento da sua missão segundo a vontade do Pai: “Eis aqui estou para fazer ó Deus, a tua vontade” (Hb 10:7, 9). O Filho de Deus foi enviado na “plenitude do tempo..., nascido de mulher”, num ambiente sujeito ao “cumprimento da lei” (Gl 4:4). Como homem, devia aprender a obediência aos ditados da lei e “embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5:8). A obediência era o elevado princípio da sua missão; tinha caráter imperativo tão necessário a sua vida como o era o próprio alimento: “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou” (Jo 4:34).

A obediência de Cristo era total, manifestada em cada dia, cada hora e em cada circunstância, tanto no fazer como no falar: “... nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou” (Jo 8:28; 12:49). Só dessa maneira, com tal sentido de obediência, podia ele vencer a tentação e ser o único sem pecado, o único santo de Deus²⁷.

A obediência de Cristo à vontade de Deus é um tema da mais alta relevância para entender a magnitude do processo da salvação, em contraste com a profundidade nefasta da desobediência de Adão. O texto que o apóstolo Paulo expõe (Rm 5:19) para comparar a atitude do primeiro Adão com o último Adão, tem maior

²⁶ DYRNESS, W., op. cit. p. 100.

²⁷ BERKOUWER, G. C. *The Work of Christ*, da série *Studies in Dogmatics*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1980, p. 315.

significado ao compreender a obediência de Cristo, cumprindo os requisitos mínimos impostos ao seu papel redentor, para satisfazer as exigências da lei. Berkouwer sugere positivamente que a obediência de Cristo pode ser vista em duas facetas diferentes: obediência ativa e passiva.²⁸ Em Cristo a obediência ativa está relacionada com sua missão de proporcionar alívio aos sofredores, alimentar os famintos, renovar a saúde aos incapacitados, devolver a vida aos que jazem extintos, aconselhar os desamparados, ensinar a doutrina da salvação, orar pelos fracos de fé, perdoar o pecador arrependido. Sua participação franca e extensiva a todos era uma demonstração da sua vida de obediência à vontade de Deus.

A obediência passiva de Cristo está relacionada com o cumprimento da lei, aceitando ao longo da sua vida o sofrimento e castigo imposto pelo pecado de Adão como manifestação da ira de Deus. Para o cumprimento dessa forma de obediência “a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz” (Fp 2:8). Todo sofrimento na vida de Cristo não foi ocasional, nem ocorrência accidental. Tudo estava escrito nas profecias (Is 53:2-10) e revelado na intimidade da sua natureza divino-humana, pois para Ele há uma relação profunda entre o ouvir e o obedecer. Cômico do derradeiro sacrifício, essa final tarefa a torna pública diante dos seus discípulos, como vestígio da sua obediência passiva ao afirmar: “... eu dou a minha vida para a reassumir” (Jo 10:17). A frequência imposta por este desígnio se faz patente nas diferentes formas literárias que Cristo usa, como na metáfora onde faz referência aos dias “em que lhes será tirado o noivo” (Mc 2:20), clara alusão a sua morte; e na analogia da experiência do profeta Jonas, que dá razão para afirmar: “Assim, o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra” (Mt 12:40).

Por outra margem de considerações é possível ver que o sofrimento de Cristo, como demonstração da sua plena obediência ao plano redentor traçado por Deus, corrobora a essência da designação *‘ebed Yahveh*, “servo do Senhor”, revelada nos escritos do profeta Isaías (42:1; 49:3). O “servo do Senhor” é aquele que padece, sofre e morre para promover a salvação da humanidade. O papel desempenhado nesse processo é da mais alta transcendência, pois, ocupa o ponto mais exponencial do significado da obediência de Cristo ao plano elaborado. A eficiência desse plano

²⁸ *ibidem*, p. 318-320.

depende da obediência irrestrita do “servo do Senhor”, que determina as duas mais importantes operações da redenção: a primeira, restabelecer a aliança (*berith*) entre Deus e Seu povo (Is 42:6 e 49:8), e a segunda, fazer recair o cruento sofrimento da humanidade sobre o “servo do Senhor” (Is 53:4,5).

Oscar Cullmann, no seu estudo sobre o ministério de Cristo, ressalta a relação que existe no contexto das duas expressões, onde *ébed* é a própria *berith*, em pessoa²⁹. Assim mesmo, não se deve ter em menor conta a operação substitutiva do castigo que devia recair sobre os seres humanos, mas que o Messias aceita sofrer com passiva obediência.

O texto explicativo do apóstolo (Rm 5:19) fica agora mais elucidativo. Certamente não é intenção do autor contrastar a desobediência de Adão com a obediência de Cristo, fundamentado num único ato de prova. Essa maneira de pensar isentaria o último Adão do cumprimento de outras obrigações da lei. Paulo deseja impressionar sobre a consistência do pecado do primeiro homem. Pois a obediência de Cristo, manifestada em cada momento do seu ministério até sua final consumação no sacrifício do Calvário, contrasta vividamente com a desobediência de Adão.

A extensão do pecado de Adão

A consistência do pecado de Adão, baseada na declaração textual de Paulo aos crentes de Roma (Rm 5:12, 19), é a desobediência praticada contra a lei de Deus. A pré-existência da lei é fundamental como regra ou orientação de vida para o homem, já que “o pecado não é levado em conta quando não há lei” (Rm 5:13). Essa declaração paulina se harmoniza plenamente com a definição de pecado dada em uma das epístolas do apóstolo João, onde se lê que “o pecado é a transgressão da lei” (1Jo 3:4). Assim, se entende que a imposição da lei é anterior a toda criação.

A primária e simples análise do texto de João, em consonância com seu correlato encontrado no texto de Paulo, induz a concordar que o pecado de Adão consistiu na desobediência do Decálogo divino. Assim, a extensão do pecado de Adão estaria restrita ao processo pecaminoso de desobediência aos Dez Mandamentos. No entanto, o paralelismo que Paulo faz entre a desobediência de Adão com a obediência

²⁹ CULLMANN, O. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Liber, 2001, p. 92.

de Cristo demonstra uma diferença de atitude das duas pessoas, a qual possibilita compreender muito mais sobre a lei que foi transgredida. Onde Adão desobedeceu, Cristo obedeceu. No entanto não se deve desconsiderar que a obediência de Cristo foi em todas as circunstâncias da sua vida, vivendo em estrita obediência a todas as leis impostas por Deus para preservar sua existência, inclusive o Decálogo, desde sua fase de criança até sua maturidade oferecida em sacrifício.

A expressão “a lei”, quando se reconhece como princípio da vida de Cristo, não pode estar limitada aos Dez Mandamentos, porque Sua vida de obediência transcende a todas as leis, sejam naturais, ou as estabelecidas pelas sociedades civis e religiosas. Ele sabia o que devia fazer em harmonia às leis vigentes. Se assim não fosse, os inimigos de Cristo teriam razões várias para acusá-lo como transgressor, pois, “aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando” (Tg 4:17).

Desmond Ford lembra que algumas expressões, escritas em grego por autores judeus, devem ser interpretadas com o significado que a língua hebraica transmite. Assim, por exemplo: a palavra “muito” em hebraico significa “os muitos”; a palavra “todos” significa “cada um”.³⁰ Enquanto em uma língua a expressão tem o sentido de quantidade, em outra língua adquire o sentido de qualidade ou variedade de espécies do mesmo objeto. De igual maneira, a palavra “a lei” aplicada à observância por parte de Cristo, pode ser interpretada como uma expressão que faz referência “as leis” estabelecidas pela divindade, já que o Filho de Deus veio para cumprir a vontade do Pai em tudo, com irrepreensível obediência, tanto passiva como ativa.

O sentido de pluralidade dado a palavra “lei” como objeto de prova de obediência aparece extensiva às várias leis vigentes desde a criação de todos os seres do Universo. Ellen G. White declara que Lúcifer justificava sua rebelião propalando que Deus não era justo ao impor suas leis, “exigindo submissão e obediência de Suas criaturas”.³¹ A mesma autora faz uma alusão clara às leis físicas da natureza que devem ser obedecidas, ao declarar que “a harmonia da Criação depende da perfeita

³⁰ FORD, D., op. cit., p. 87, 88.

³¹ WHITE, E. G. *Patriarcas e Profetas*, p. 24.

conformidade de todos os seres, de todas as coisas, animadas ou inanimadas, com a lei do Criador”.³²

A referência feita à harmonia da criação implica na observância das leis naturais (físicas, químicas, biológicas) com a mesma acuidade que se deve ter com o Decálogo divino. O descuido ou indiferença mantida na observância dessas leis pode acarretar sofrimento e morte. A morte em última instância é demonstração da transgressão da lei divina; porque “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23). J. Hering reflete bem esse pensamento quando assevera que toda ação que se opõe à preservação da vida é pecado. E faz um adendo, ao afirmar que Deus estabeleceu leis para assegurar a vida normal do seu povo. Transgredi-las constitui-se em rebelião contra Deus³³ e, causa *de facto*, da própria morte.

A morte, como consequência ou salário do pecado, pode ser vista em duas facetas: a primeira, quando através dela se esclarece sua origem, a qual não é outra senão o resultado da desobediência de Adão (Rm 5:12); a segunda, onde se estabelece a causa ou as diferentes causas da morte, as quais estão relacionadas com a transgressão das leis naturais impostas por Deus (Rm 6:23). Por ter sido originada na desobediência de Adão, todos os homens em forma universal devem sofrer a morte. Por outro lado, o descuido na observância das leis naturais será a causa da morte de alguns.

Para entender o significado dessas afirmações e, consequentemente, verificar a relação da origem e causa da morte, apresentamos alguns detalhes da seguinte ocorrência. Uma pessoa com poucos conhecimentos da lei da eletricidade ou agindo deliberadamente sem as precauções necessárias sofre um choque elétrico violento que determina uma alteração no seu sistema nervoso e paralisa órgãos vitais; pelo que, inexoravelmente, vem a falecer. Realizando uma interpretação desse incidente, para destacar a relação da origem e causa da morte, vê-se que essa morte teve sua origem na desobediência do primeiro homem. Mas a causa dessa morte está na transgressão das leis físicas que regem a eletricidade. A mesma interpretação deve ser aplicada quando ocorre desobediência às leis alimentares, do descanso físico, do

³² ibidem, p. 44.

³³ HERING, J., op. cit., p. 435.



trabalho, do uso de instrumentos ou máquinas, da pressão dos gases, da massa física, das reações de substâncias químicas, da exposição aos raios ultravioletas do sol, da força gravitacional, das alterações de temperatura e pressão, do uso de substâncias ácidas ou básicas e de qualquer outro mecanismo ocasional ou acidental que gere morte física. Essa atitude é pecado porque causa morte, conforme a sentença apostólica (Rm 6:23).

Cristo teve uma vida de obediência a todas as leis estabelecidas por Deus, tanto as que regem a natureza e as que promovem o relacionamento humano com Deus e com os semelhantes. Qualquer desacato a uma insignificante disposição divina poderia ter sido causa de um infeliz ou letal incidente na vida do Redentor. O paralelismo exposto pelo apóstolo Paulo entre Adão e Cristo não permanece restrito ao cumprimento do Decálogo divino, como prova de obediência a Deus, mas procura expor a justiça alcançada pelo Filho de Deus ao declarar que sua obediência foi em tudo. Cristo obedeceu todas as leis, tanto naturais como as morais e, dessa maneira, mostrou a extensão do pecado de Adão. O protótipo da raça humana, com sua desobediência, não somente transgrediu o Decálogo divino; a extensão do seu pecado alcança os limites de todas as leis naturais impostas por Deus.